

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

RAQUEL DE SOUSA NETO

PROCESSOS PSICOPATOLÓGICOS E DINÂMICAS FAMILIARES

SÃO PAULO
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PROCESSOS PSICOPATOLÓGICOS E DINÂMICAS FAMILIARES

RAQUEL DE SOUSA NETO

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Corrêa de Faria

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Corrêa de Faria

SÃO PAULO
2012

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional, em especial, à minha mãe, minha eterna companheira, por me acalmar, me escutar. Ao meu pai, fonte de muita admiração e orgulho.

Aos meus amigos, que entraram em minha vida, ao longo desses cinco anos, e que fizeram essa jornada mais alegre e prazerosa.

Às minhas amigas de muitos anos, por serem como são e estarem sempre ao meu lado.

À minha orientadora Maria Cecília Corrêa de Faria, pela dedicação e companhia no desenvolvimento deste trabalho e por ter tornado esse processo mais “leve”.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a dinâmica de famílias nucleares e alguns dos processos psicopatológicos que nelas ocorrem, uma vez que a família é a principal instância produtora de subjetividade e transmissora da história familiar. O objetivo é entender alguns processos psicopatológicos dentro da perspectiva familiar, partindo dos estudos de D. W. Winnicott. Aqui, discuto aspectos da função materna e paterna e suas implicações na constituição do sujeito, bem como as diferentes nuances que tais funções assumem em cada estágio do amadurecimento da criança. Para Winnicott, a criança percorre diferentes estágios no seu desenvolvimento – dependência absoluta, dependência relativa, *Concern* e complexo de Édipo –, conquistando independência em relação ao ambiente.. Também consultei alguns textos de Gilberto Safra e de Freud acerca do conceito, das funções e dinâmicas da família. Busquei a visão de Freud sobre os “Romances Familiares”, considerando a importância da família na construção da subjetividade. Por meio da análise de dois casos retirados da literatura, por fim, foi possível não só observar a dinâmica familiar, como também constatar que os modos de exercício das funções maternas e paternas podem ter implicações psicopatológicas na constituição do sujeito.

Palavras-chave: dinâmica familiar, psicopatologia familiar, constituição do sujeito.

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	06
Capítulo I- Família	12
Capítulo II- Implicações sobre a função materna, paterna e a fratria	18
2.1. Função materna	18
2.2. Função paterna	22
2.3. Fratria	28
2.4. Considerações sobre família e transmissão psíquica	30
Capítulo III- Análise de caso	34
Considerações finais	45
Referências bibliográficas	49

INTRODUÇÃO

A ideia de realizar este trabalho, pautado na família como uma das possíveis origens dos transtornos que assolam o homem, foi algo mobilizador desde o início. Meu interesse, neste estudo, é problematizar o papel da família na constituição da subjetividade e refletir sobre aspectos psicopatológicos, primordialmente, ligados à organização familiar.

Para refinar o conhecimento da relação família-psicopatologia, considero fundamental discorrer sobre as funções de uma família, as implicações que a sociedade terá sobre este grupo social. Para tanto, levo em conta o modo de vida do mundo contemporâneo, caracterizado pelo capitalismo, e as posições de autores, como Winnicott (2005, 2008) sobre papéis e funções paternas, maternas e da fratria.

Ao considerar as implicações da sociedade atual, atentarei para as diferentes transformações que ocorreram no âmbito da família. A esse respeito, Luiz Carlos Osório e Maria Elizabeth do Valle, em seu livro *Terapia de famílias: novas tendências*, destacam algumas mudanças ocorridas no contexto contemporâneo que recaem sobre a instância família:

a crescente segurança dos métodos anticoncepcionais, o aperfeiçoamento da fecundação in vitro, praticamente dissociando o coito da função reprodutora; a despatologização do homossexualismo; os progressos da cirurgia reconstrutiva, permitindo a consumação do transexualismo; a superação dos tabus e preconceitos pelo maior conhecimento da fisiologia sexual e dos psicodinamismos da sexualidade humana, o aumento da promiscuidade sexual (OSÓRIO e VALLE, 2002, p. 12).

Tais mudanças levaram às mais diferentes configurações familiares, presentes na atualidade. Hoje, observamos que os pais estão ainda mais

confusos, perguntando sobre a melhor forma de educar seus filhos e a natureza das funções materna e paterna.

Desde Freud, novas representações foram produzidas sobre os primeiros anos de vida de uma criança e a relação desta com sua mãe. Isso ocorreu após a descoberta de que este período constitui uma fase e uma relação, elementos cruciais para a constituição do sujeito e seu desenvolvimento.

A família, com seus diferentes componentes, é o primeiro ambiente onde a criança irá desenvolver sua personalidade e criar recursos para lidar com o mundo externo. Dessa maneira, a forma com que essa criança estabelecerá relações futuramente estará, em parte, “carregada” de suas vivências infantis dentro do contexto familiar.

Ao nascer, o bebê irá se deparar com situações, sensações e desconfortos corporais que nunca havia sentido antes. No útero de sua mãe, o bebê não recebia estímulos, como luz, som, frio, calor ou mesmo sensações advindas do próprio corpo, a exemplo da fome. Em outras palavras, ao nascer, o bebê encontra-se em uma situação totalmente nova e em total desamparo, vivendo de maneira desorganizada todas essas sensações. O novo ser dependerá de alguém para que suas necessidades sejam supridas e ele possa se desenvolver de forma saudável. Caso isso ocorra, terá recursos próprios para lidar com suas frustrações e o mundo a sua volta.

Este papel de prover as necessidades primárias de um de seus membros que acaba de nascer cabe à família, que pode ganhar as mais diferentes configurações. Ao cumprir essa função, a família contribui para o adequado desenvolvimento do sujeito.

D. W. Winnicott foi um dos muitos estudiosos que se dedicaram a essa questão. Ele trouxe importantes contribuições a respeito do desenvolvimento psíquico do bebê, desde o seu nascimento, bem como dos diferentes papéis e funções que se esperam dos pais nas fases do desenvolvimento da criança.

Para esse autor, a criança percorre diferentes estágios de amadurecimento, através da qual vai conquistando independência em relação ao ambiente – dependência absoluta, dependência relativa, *Concern* e Complexo de Édipo. Em cada estágio, a função materna e a paterna assumem algumas nuances que vão de encontro à necessidade do bebê e aos passos frente ao seu desenvolvimento.

Alguns dos aspectos a serem debatidos referem-se aos seguintes estágios: 1. a criança na fase de dependência absoluta, logo após o seu nascimento, encontra-se em uma díade com sua mãe, que se dedicará a suprir as necessidades de seu filho – o pai, nesse contexto, entrará com a função de protetor dessa díade; 2. conforme a criança vai se desenvolvendo, o horário para as mamadas é estabelecido, e o pai assume o papel principal de chamar a mãe para o sentido contrário da relação fusionada com o filho; 3. chegada à fase de *Concern*, a criança começa a lidar com a ambivalência amor-ódio pelo mesmo objeto e a reconhecer a pessoa como “total”; 4. em seguida, a criança chega à fase do Complexo de Édipo.

Outro aspecto relevante da teoria de Winnicott é que, ao se referir à função materna e paterna, o autor não remete aos pais propriamente ditos de determinada criança, mas às figuras que virão a ocupar esses papéis e funções.

Winnicott (2005) utiliza o termo “mãe suficientemente boa” para se referir ao fazer da mãe. Esta visão do autor merece destaque, pois lembra que uma mãe não será e nem deveria ser perfeita, sem falhas, ou seja, que uma mãe irá frustrar seu filho em alguns momentos. Sempre vamos nos decepcionar com nossos pais, e essas falhas e imperfeições da mãe são também ingredientes importantes para o desenvolvimento saudável da criança.

Por isso, ressaltamos que não se trata de uma culpabilização dos pais. Aqui, comento alguns aspectos que se referem às funções maternas e paternas que são necessárias para um desenvolvimento saudável.

Em um segundo momento, emprego a visão de um autor contemporâneo, Gilberto Safra, a respeito de alguns aspectos que permeiam o

nascimento de um bebê. Este autor afirma que a criança, ao nascer, ocupa uma posição dentro do contexto familiar, que dirá de sua situação originária e do percurso de sua história. Entendemos que a criança nasce afetada pela história dos seus ancestrais, pelos mitos, hábitos e segredos familiares de uma dada família.

A esse respeito ressalta o autor que o “nascimento do bebê humano ocorre no mundo humano, que é constituído ao longo das gerações, sendo campo de encontro da herança dos ancestrais e o pressentimento do futuro” (SAFRA, 2002, p. 827).

Ao olharmos para diferentes dinâmicas familiares, observamos alguns padrões que se repetem nas gerações dentro de uma mesma família, formas diversas que os pais encontram para exercer suas funções. A criança, por exemplo, é entendida, muitas vezes, como depositária de questões de seus pais, ou seja, a criança nasce e se constitui afetada pela história familiar. Afirmando de outra maneira, cada sujeito, dentro dessa família, possui uma história individual, uma história social e partilha experiências culturais de uma dada época. Assim, pais e mães exercerão suas funções a partir das suas experiências, que dirão muito sobre a forma de lidar com seus filhos.

Assim, entendo que a família pode se organizar das mais diferentes formas e irá exercer suas funções arraigadas nas suas próprias questões ou conflitos. Cada família, pois, mantém sua singularidade, seus mitos, crenças, tabus e hábitos. Por isso, não é possível nem atribuir uma estrutura que qualificaria uma família saudável, nem pensar o que seria causador de problemas emocionais. O que determinará essa questão é muito mais a qualidade das inter-relações do que a condição econômica e a estrutura de uma dada família.

É, portanto, partindo de considerações a respeito do papel fundamental da família, no desenvolvimento do sujeito, e das diferentes funções exercidas pelos membros, que passo a refletir como determinadas dinâmicas, organizações familiares podem originar processos psicopatológicos.

Os capítulos que se seguem pretendem demonstrar importância da família no desenvolvimento do sujeito, bem como algumas das nuances das funções maternas e paternas nesse contexto, para que, posteriormente, possamos realizar a análise de dois casos retirados da literatura onde tal reflexão poderá ser aprofundada de forma mais explícita.

Metodologia

O presente estudo tem por objetivo estudar a dinâmica de famílias nucleares e alguns dos processos psicopatológicos que nelas acontecem, considerando-as como principais instâncias produtoras de subjetividade e transmissoras da história familiar. A meta, portanto, é compreender alguns processos psicopatológicos dentro da perspectiva familiar.

As estratégias empregadas privilegiam a reflexão teórica, mediante pesquisa bibliográfica, discussão teórica e análise de casos retirados da literatura. O percurso inclui a compreensão do conceito de família e as implicações advindas das modificações da sociedade, contextualização (a família na contemporaneidade) e investigação sobre as suas funções e dinâmicas.

Para viabilizar a análise da função materna e paterna e suas implicações na constituição do sujeito, emprego estudos de D. W. Winnicott (2005, 2008) que exploram os estágios de amadurecimento já referidos. Também me aproprio de algumas ideias de Gustavo Lerner Battagliese, apresentadas em seu trabalho de conclusão de curso sobre a função paterna na teoria de Winnicott.

Ao considerar os termos funções maternas e paternas, assim como Winnicott, não estou me referindo a pai e mãe propriamente ditos, mas à

função que cabe ao pai e a mãe, que pode ser exercida por outras figuras presentes para a criança.

Uma vez que pretendo uma reflexão sobre aspectos psicopatológicos, primordialmente, ligados à organização familiar, ou seja, à família como uma das possíveis origens dos transtornos psicopatológicos, considero necessário incluir a visão de Freud sobre os “Romances Familiares” que mostra como a dinâmica familiar incide na subjetividade do sujeito. Utilizo também a visão de um autor contemporâneo, Gilberto Safra, a esse respeito.

Neste trabalho, por fim, analiso dois casos de patologias familiares, ambos retirados do livro *A Hora de cinquenta minutos*, de Robert Lindiner. Os casos literários possibilitam uma clara observação de como a dinâmica familiar e as formas com que são exercidas as funções maternas e paternas podem ter uma implicação na constituição do sujeito.

CAPÍTULO I

FAMÍLIA

A origem da palavra *família* remete-nos ao vocábulo latino *famulus* que significa servo ou escravo, segundo Elisabete Dória Bilac, em *A Família contemporânea em Debate*. Foi uma expressão inventada pelos romanos “para designar um novo organismo social que surge entre as tribos latinas, ao serem introduzidas a agricultura e a escravidão legal” (BILAC, 1995, p. 31). A autora também afirma que o “novo organismo” se referia à presença de um chefe, que detinha o poder de vida e de morte sobre a mulher, filhos e escravos.

Podemos fazer um paralelo com as relações de posse existentes entre familiares de forma mais explícita na antiguidade – embora ainda observemos atualmente: a mulher deveria ser obediente ao homem, bem como os filhos do casal. A essa configuração familiar chamamos dominação patriarcal.

A esse respeito, Heloisa Szymanski afirma que a família nuclear burguesa é delineada com o “surgimento da escola, da privacidade, a preocupação de igualdade entre os filhos, a manutenção das crianças junto aos pais e o sentimento de família valorizado pelas instituições (Igreja) no início do século XVIII” (SZYMANSKI, 1995, p. 24).

Esta família, segundo Szymanski (idem), era composta por pai, mãe e algumas crianças. Quando a família fugia a este modelo esperado, era chamada de “desestruturada”, ou seja, atribuíam-se uma estrutura definida para a família, considerando que a fuga à regra era causa de problemas emocionais.

Não se pensava em olhar para a qualidade das inter-relações; somente se aceitava a família como norma. A família é historicamente construída e carrega valores, regras, crenças e padrões emocionais de uma dada época e propõe um distanciamento de propostas rígidas, onde os modelos são ditados por uma regra (SZYMANSKI, 1995). Em seu lugar, abre espaço para olhar as qualidades das inter-relações. Uma família pode ser um homem e uma mulher

com filhos biológicos, ou não. Gomes (1988) realizou uma observação do cotidiano de diferentes famílias e chegou à concepção de que “família” seria “um grupo de pessoas, vivendo uma estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto” (GOMES, 1988, *apud* SZYMANSKI, 1995, p. 25).

Roudinesco, em seu livro *A família em desordem*, define família como um “conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou sucessão de indivíduos descendendo uns dos outros. É organizada em uma estrutura hierarquizada, centrada no princípio de dominação patriarcal” (RUDINESCO, 2003, p. 18).

Em *Sociologia da família contemporânea*, Pedro Beltrão, por sua vez, entende família nuclear como estrutura composta pelo marido e mulher com seus respectivos filhos. Ele afirma que a família contemporânea tende a essa configuração nuclear.

Como podemos constatar, a família sofreu transformações no decorrer dos tempos, vivenciando a experiência da autoridade patriarcal, que determinava o casamento dos filhos como forma de assegurar a transmissão de um patrimônio, até a lógica afetiva característica dos séculos XX e XXI.

A lógica da escolha afetiva de parceiros leva a uma estrutura familiar contemporânea bastante diversificada. Os indivíduos unem-se em busca de relações íntimas e realização sexual, e o caráter imutável dá lugar a separações e divórcios frequentes. É fácil concluir que, da mesma forma que a sociedade, a estrutura, o modo de organização e o funcionamento de uma família sofrem transformações com o passar do tempo.

Assim, a organização do sistema familiar molda-se a partir de aspectos vigentes na sociedade, posto que uma das funções da família é inserir o sujeito em uma determinada cultura. A família apoia o sujeito e fornece condições para que ele cresça e se adapte à sociedade.

Luiz Carlos Osório e Maria Elizabeth do Valle, em *Terapia de famílias*: novas tendências, trazem a ideia de que os avanços científicos e tecnológicos mudam os desejos e expectativas dos indivíduos. Tais avanços, por sua vez, trazem modificações nas dinâmicas das relações conjugais, bem como no comportamento sexual desta sociedade, atingindo diretamente o campo familiar. Entre tais mudanças estão:

A crescente segurança dos métodos anticoncepcionais, o aperfeiçoamento da fecundação in vitro, praticamente dissociando o coito da função reprodutora; a despatologização do homossexualismo; os progressos da cirurgia reconstrutiva, permitindo a consumação do transexualismo; a superação dos tabus e preconceitos pelo maior conhecimento da fisiologia sexual e dos psicodinamismos da sexualidade humana, o aumento da promiscuidade sexual. (OSÓRIO e VALLE, 2002, p. 12).

Com isso, surgiram as mais diferentes configurações familiares, a exemplo de homem e mulher cuidando de um filho, ou mais, um único progenitor, um casal homossexual, ou seja, um leque muito amplo de relacionamentos vem se configurando atualmente.

Os autores também afirmam que “o livre exercício da sexualidade” não entra em cena na sociedade contemporânea para destruir as famílias, uma vez que se referem a motivações e necessidades humanas de outra ordem. Apesar de a família, em determinado aspecto, ser reguladora dessa sexualidade, suas configurações e objetivos são distintos.

As mudanças que Luiz Carlos Osório e Maria Elizabeth do Valle apresentam como transformadoras das configurações familiares referem-se ao reconhecimento do direito da mulher. De um lado, a mulher deixou de se ocupar somente com o matrimônio e a maternidade e, de outro lado, os homens perderam o caráter de responsáveis únicos pelo sustento desta família. Nessa nova situação, não obrigatoriamente a mãe irá cuidar dos filhos e da casa, provocando diferenças nas configurações familiares contemporâneas quando comparadas há algumas décadas anteriores.

Dentro dessa visão, podemos entender família como “um sistema aberto e em transformação” (OSÓRIO e VALLE, 2002), ou seja, a família busca se adaptar à sociedade e cultura na qual está inserida e ainda passa por fases de desenvolvimento que requerem adaptações diversas.

Assim, ao pensar sobre família, é necessário levar em conta as características da sociedade contemporânea. Segundo a contribuição de vários autores que estudam a pós-modernidade, como Gilles Lipovetsky, estamos vivendo a “era do vazio”, onde há uma banalização dos outros e dos vínculos, que se apresentam de maneira frágil. Joel Birman, por exemplo, reforça essa perspectiva ao afirmar que vivemos em uma sociedade do espetáculo onde impera o exibicionismo. Tais características interferem nos modos de organização da família na atualidade.

Cyntia Sarti, no livro já citado *A família contemporânea em debate*, lança um olhar sobre outro aspecto, ainda no que concerne às transformações que estão ocorrendo com a família no mundo contemporâneo. Ela atenta para a perda do sentido de tradição. Com o fim do sentido de tradição, papéis que eram pré-estabelecidos passam a ser projetos de vida individualmente definidos, e esta mudança circunda o âmbito do trabalho, da sexualidade, do amor e também do casamento e da família. Assim, as questões de direitos e deveres da família são agora objetos de negociações e constantes reformulações entre os próprios membros.

Pensando a respeito das transformações que a família foi sofrendo, entre elas o aumento do divórcio, Bilac (1995, p. 37) comenta a respeito do pensamento de Goldani: “a família não é mais vista como organizada por normas dadas, mas, sim, fruto de contínuas negociações e acordo entre os seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo depende da duração dos acordos”. Por isso, considera que a vida familiar tem uma tendência de ser cada vez mais “idiossincráticas e fluidas” (GOLDANI, 1989 *apud* BILAC, 1995, p. 37).

À luz de tais considerações, pode-se questionar a ideia vigente na sociedade atual de uma família saudável, como aquela na qual estão ausentes

os conflitos, e os membros vivem em harmonia. Tais ideias estão fora de cogitação quando se pretende estudar a família que está sempre em transformação e visando à adaptação. Família saudável é uma imagem idealizada que foge às práticas sociais cotidianas.

Heloisa Szymanski comenta a importância de olhar para a família como singular: “o mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo” (SZYMANSKI, 1995, p. 27).

Muitos autores discutem questões referentes à família, concebendo-a como fenômeno histórico, sociológico e psicanalítico, interrogando sobre fenômenos geracionais e transmissões que ocorrem de pais para filhos. Em outras palavras, essa perspectiva entende a família como instância produtora e transmissora de subjetividade e estuda os processos psicopatológicos neste âmbito.

Desde Freud, um novo olhar foi se voltando para a família – que passou a receber maior atenção, sobretudo no momento em que se descobriram os primeiros anos de vida e a relação mãe-bebê como cruciais para o desenvolvimento do sujeito. A família ganha, assim, um caráter gerador de pessoas saudáveis ou de formas de desequilíbrios e patologias.

Em *Famílias: funcionamento e tratamento*, Minuchin aborda, de maneira interessante, a presença de um membro doente dentro de determinada família. Ele afirma que a transformação da estrutura familiar provocou mudanças nas experiências dos membros, resultando, possivelmente, em determinadas patologias. O pensamento de Minuchin, portanto, leva em conta o contexto em que o indivíduo está inserido para entender uma patologia, mediante a observação de como o sistema familiar está organizado. Dizendo de outro modo, ele considera que determinado indivíduo vive em uma família e é membro de um sistema social, ao qual deve se adaptar. Assim, ele influencia esse contexto e é influenciado por ele. Minuchin considera também que “contexto influencia os processos internos da mente” e menciona a família

como o grupo social que possui certa estrutura e organização, que influencia as experiências dos membros. A posição que cada membro ocupa irá dizer algo sobre suas experiências subjetivas.

A estrutura familiar “é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais” (MINUCHIN, 1988, p. 56). São esses padrões que vão regular os comportamentos do membro de determinada família, a exemplo de uma questão de hierarquia entre os pais e filhos, questão classificada por Minuchin (idem) como “sistema de repressão idiossincrásico” – as expectativas dos membros da família entre si.

Pensando em como a família se organiza de modo mais fluido neste cenário, começemos a refletir sobre as características do modo de organização de uma família que marcarão as funções materna e paterna.

CAPÍTULO II

IMPLICAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO MATERNA, PATERNA E A FRATRIA

2.1. Função materna

Na atualidade, são diversas as configurações familiares que envolvem a função materna. Existem famílias monoparentais, recompostas, de uniões estáveis, homoparentais, adotivas. Existem também outras formas de constituição: mães solteiras, casos de estupro, tornar-se mãe através do uso de novas tecnologias reprodutivas, como a inseminação artificial ou fertilização medicamente assistida ou mesmo barriga de aluguel (proibida no Brasil), como nos lembra Alfano (*online*), em *Homoparentalidades: gênero e reprodução na contemporaneidade*.

Conhecidas as várias configurações familiares presentes na contemporaneidade, é importante registrar que, ao falarmos sobre função materna, estamos considerando um casal composto por marido, mulher e respectivos filhos, conforme Beltrão (1970) ao definir uma família nuclear.

Discutindo a função materna e a paterna, na psicanálise, atentamos para a relevância dessas funções para estruturação do psiquismo da criança. A partir do momento que existe um bebê na barriga da mãe, esta e também o pai passam a formar expectativas sobre esta criança que irá nascer. Existe todo um contexto que influencia essas expectativas, como por exemplo, uma gravidez desejada ou indesejada.

Assim, sabemos que os desejos desses pais para com os filhos dirão muito sobre o modo que eles exercerão suas funções. A esse respeito, Winnicott (1999) comenta que o desejo dos pais, antes mesmo do nascimento do filho, é ingrediente fundamental para o bom desenvolvimento da criança. Este mesmo autor acrescenta que uma das funções que caracteriza o “fazer”

da mãe gestante é o de proporcionar um “ambiente suficientemente bom” para este bebê, ambiente este onde o bebê se sinta pouco invadido por estímulos internos e externos, tendo suas irritações reduzidas. (WINNICOTT, 1999).

Em “Preocupação materna primária”, o mesmo autor descreve a importância de um ambiente suficientemente bom para que o bebê alcance cada estágio, satisfações, ansiedades e conflitos inatos apropriados. Em contrapartida, existe aquele ambiente que não apresenta essas condições e acaba por gerar repercussões na vida do bebê. Apesar da garantia de esse ambiente ocorrer em muito pela “postura” da mãe frente à criança, o autor ressalta que os desapontamentos e as frustrações acontecem e devem acontecer na relação de uma mãe com seu filho. Em outras palavras, ao nascer, o bebê se depara com inúmeras situações e sensações novas, em um total desamparo, e precisa de alguém que supra suas necessidades. Cabe então à mãe (ou quem exercerá essa função) o papel de “ego auxiliar”, que ajuda a criança a lidar melhor com o mundo e com as frustrações, mediante os cuidados voltados para o bebê. Este, aos poucos, passa a não precisar mais da mãe, utilizando os seus próprios recursos para um desenvolvimento saudável.

Sobre esse cuidado, Winnicott irá usar o termo “Holding”, onde a mãe se identifica com seu bebê, tornando possível o exercício de tais funções. Essa identificação irá ocorrer, tanto em nível consciente como inconsciente. No entanto, o autor nos chama atenção para o fato de que a recíproca não é verdadeira, ou seja, o bebê não se identifica com a mãe.

Assim, através dessa identificação, é possível construir um ambiente suficientemente bom ao desenvolvimento da criança. Para garantir o cumprimento dessas funções, Winnicott irá falar de um estado no qual a mãe se encontra, chamado “preocupação materna primária”. É por meio desse estado que ocorre a identificação da mãe com seu bebê, onde ela irá se dedicar e se preocupar somente com seu corpo e o bebê que irá nascer espontaneamente. O autor usa o termo empatia para se referir ao sentimento da mãe para com o filho que possibilita esses cuidados.

Neste nível de identificação, que irá dizer muito sobre o exercício da função materna, a condição em que a mãe se encontra ocorre gradualmente, iniciando-se ainda na gravidez e estendendo-se a algumas semanas depois do nascimento da criança. Ela se caracteriza por um estado de sensibilidade aumentada, estado retraído, “no qual um aspecto da personalidade assume temporariamente o controle” (WINNICOTT, 1978, p. 494). O autor comenta que a mulher dificilmente recordará esta condição em que se encontrava, pois tende a ser reprimida.

Esse estágio em que a mãe se encontra poderia ser considerado como uma doença, não fosse o fato de que ela precisa ser saudável para chegar a esse estado e também para sair dele, conforme o desenvolvimento da criança. No entanto, existem mulheres que não são capazes de chegar a tal condição, ou podem chegar a uma determinada gravidez e em outra não. Apesar de serem boas mães sobre muitos aspectos, não conseguem perceber as necessidades do bebê. Isso pode acontecer, segundo este mesmo autor, com mulheres que não abrem mão de outros interesses nesse momento, ou mesmo quando há uma grande identificação com a posição masculina, o que dificulta a mulher de atingir essa parte da função materna.

Sobre esta forma de a mulher lidar com sua função materna, o autor afirma que elas passam por um período de adaptação às necessidades de seus filhos, e essa adaptação não ocorre de maneira tão fácil ou satisfatória.

A mãe que desenvolve o que chamei “preocupação materna primária” fornece um *setting* no qual a constituição do bebê pode se mostrar, suas tendências de desenvolvimento podem começar a se revelar e o bebê pode experimentar um movimento espontâneo e dominar as sensações apropriadas a esta fase inicial da vida (WINNICOTT, 1978, p. 495).

Assim, a mãe que desenvolve essa função fornece ao bebê um ambiente bom onde ele é pouco perturbado por “reações à invasão”. Por sua vez, mães que fracassam nesse aspecto produzem, em seus filhos, as

chamadas fases de reação à invasão, onde o bebê se caracteriza por um reagir excessivo a uma ameaça que ele sente de aniquilação.

Quando a mãe possui a preocupação materna primária, ela passa a suprir as necessidades do bebê que, inicialmente, são corporais e vão evoluindo para ego. Essas demandas chegam ao ponto de o bebê construir uma ideia da mãe como pessoa separada dele. Quando a mãe não consegue se colocar nessa posição, esta fase é sentida pela criança como uma ameaça à existência pessoal do Self. No entanto, para que seja possível uma construção inicial do ego, é preciso que as frustrações aconteçam no relacionamento da mãe com seu filho, podendo o bebê se recuperar e passar a perceber essa recuperação, começando a suportar então a frustração.

Assim, podemos observar alguns dos aspectos envolvidos na função materna, sendo a mãe a pessoa adequada para exercer a função. Porém, o autor comenta que mães adotivas também podem ser capazes de se identificar com seus filhos e exercerem esse papel de fornecer de ambiente suficientemente bom. Esse ambiente é responsável pelo começo das experiências dessa criança que a levarão à construção de um ego pessoal, a dominar as pulsões e enfrentar as dificuldades inerentes à vida.

Outro aspecto referente à função materna, segundo este autor, é a necessidade de a mãe deixar o lado espontâneo de a criança aparecer, reconhecer e aceitar os mesmos, preparando as condições para que o eu genuíno da criança possa aparecer.

Assim, observamos que, ao entrar na chamada fase de preocupação materna primária, a mãe terá uma preocupação totalmente voltada para sua relação com seu bebê. Sobre o tema, o autor discorre a respeito da função paterna, responsável por “suportar” a relação da mãe com o bebê, não provocando interferências nesse processo. Uma vez que esta mãe-mulher necessitará dedicar-se ao bebê, o pai terá que dar suporte para que essa relação ocorra de forma saudável, sem muitos excessos também. No que concerne propriamente à função paterna, alguns outros aspectos são discutidos a seguir.

2. 2. Função paterna

A partir do que foi pontuado acima, referente à relação mãe-bebê, cabe ampliar a discussão no que concerne à função paterna, contexto onde a criança se encontra na chamada fase de dependência absoluta. A esse respeito, Gustavo Lerner, em *Apontamentos sobre a função paterna na teoria de Donald W. Winnicott*, apresenta algumas contribuições referentes à visão de Winnicott sobre o assunto.

Quando escrevemos sobre esta fase, estamos falando da etapa onde o bebê se encontra em unidade com sua mãe. Tal unidade – como já comentada, ao abordar a função materna – consiste em uma das condições necessárias para que ocorra um desenvolvimento saudável do bebê. Sabemos, no entanto, que, em determinado momento desse desenvolvimento, torna-se necessária a dissolução dessa unidade.

A função paterna, para Winnicott (idem), inicia-se ainda nessa fase de dependência absoluta, apesar da intensidade da relação (mãe-bebê) e do fato de o bebê não diferenciar sua mãe de si mesmo, isto é, não conseguir ainda um Outro para si. O pai ocupa uma função importante nesse momento.

O aspecto destacado referente à função paterna é o de garantir e dar subsídios para que a mãe possa viver esse momento de forma saudável.

Nesse ponto o pai pode ajudar. Pode ajudar a criar um espaço em que a mãe circule a vontade. Adequadamente protegida pelo seu homem, à mãe é poupado o trabalho de ter de ocupar-se das coisas externas que acontecem à sua volta, numa época em que ela tanto precisa concentrar-se, quando tanto anseia por preocupar-se com o interior do círculo formado pelos seus próprios braços e no centro do qual está o bebê. (WINNICOTT, 1957, p. 27, *apud* LERNER, 2011, p.16).

Nesta fase, então, o pai não é visto como objeto libidinal por seu filho, uma vez que o mesmo ainda não lhe reconhece. O bebê percebe as diferenças sensoriais dos toques e manuseios das mais diferentes formas, inclusive do pai, mas ainda não consegue distinguir a pessoa total que o faz.

Após esta fase, o bebê entra na chamada dependência relativa. Gustavo Lerner, tratando do tema, segundo Winnicott, afirma que, nesta fase, surge a necessidade de o bebê ser desmamado. Tal tarefa deve ser realizada gradualmente.

A mãe passa a estabelecer horários para as mamadas. O bebê, dessa forma, não tem mais sua demanda atendida sempre que deseja. Este momento é bastante delicado e, por isso, deve ocorrer de forma gradual através da imposição de tais horários (Cf. WINNICOTT, 1957).

Neste novo cenário, com a chegada à fase de dependência relativa, os pais vão ganhando novas funções. A mãe que até então havia deixado de lado questões externas a sua relação com seu bebê, começa a sair da fusão que se encontra com ele. Para isso, o pai ganha um papel muito importante: chamar esta mulher para fora dessa díade, lembrando-a dos outros aspectos de sua vida que até então haviam sido deixados de lado como, por exemplo, a vaidade.

Todo esse movimento é saudável para a mãe e também para o desenvolvimento do seu filho. A presença do marido e de experiências sexuais que a satisfaçam constitui-se em ingredientes que ajudam a mãe a se sentir feminina. (WINNICOTT, 1957). O aspecto da função paterna seria, então, trazer a mãe de volta para o seu papel de esposa, mulher e para outras questões externas à relação com o bebê, para que assim consiga sair desse estado e proporcionar o desenvolvimento do filho.

A esse respeito, Gustavo Lerner ressaltava a importância da presença paterna como lugar que chama a mãe “para o sentido contrário ao da relação fusionada com seu filho. (...) A relação do bebê com o pai ainda não é direta, mas a firmeza que o pai exerce é importante para que a mãe possa permitir o início da separação entre ela e o filho” (LERNER, 2011, p. 21).

O bebê, neste momento, não tem a noção de um Outro (pai) como pessoa total. Ele passa a se relacionar “com as lacunas que vão surgindo entre o que era a unidade mãe-bebê” e já assimila algumas características objetivas desse objeto.

Dessa maneira, quando a mãe estabelece horários para as mamadas, o bebê não é satisfeito imediatamente como estava acostumado, o que pode gerar sentimentos hostis. A mãe, por sua vez, deve suportar ser alvo de tais sentimentos, recebendo suporte do pai “um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança” (WINNICOTT, 1957, p. 129).

o pai pode ou não ter sido um substituto materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria integração, quando apenas se torna às vezes uma unidade. (WINNICOTT, 2007, p.188, apud LERNER, 2011 p. 22).

Chegada a fase *Concern*, que ocorre a partir dos 4 meses, a criança se relaciona com o pai, sendo vista agora como uma pessoa total. Essa fase se encontra no momento em que a criança tem a percepção de que pode sentir amor e ódio pelo mesmo objeto, e caso isso ocorra de forma saudável, perceberá que esses sentimentos não destroem o objeto e nem a si própria.

Tal percepção advém do fato de que, ao não ter as suas necessidades atendidas prontamente, o bebê passa a atacar a pessoa amada (mãe). Ele sente, ao mesmo tempo, culpa por esses ataques e medo de perder o objeto de amor.

É mediante essa percepção que ele começará a ter uma maior noção da temporalidade, caso essa fase seja vivida de maneira satisfatória, ou seja, a mãe não deve retaliar seu bebê: no momento que a primeira recebe os impulsos hostis do segundo, ela deve estar humanizada ao ponto de relativizar tais impulsos e aceitar as tentativas de reparação por parte do bebê. Assim, ele sente que sobrevive apesar de externalizar os impulsos agressivos.

Nessa fase, portanto, o bebê começa a se conscientizar de seus estados internos, tanto no que se refere aos seus impulsos agressivos como os amorosos, e de seus impulsos dirigidos à mãe. Na medida em que a mãe consegue se colocar nessa posição humanizada, aceitando os impulsos agressivos, o filho vai experimentando uma mãe separada dele, ganhando mais segurança e confiabilidade.

É por meio da suportabilidade da mãe diante desses impulsos que serão desenvolvidas as habilidades de destruir e de reparar da criança, bem como uma maior capacidade de tolerar a culpa. Tal momento, construído através da experiência do bebê, testemunhará sobre a sua capacidade futura de ser moral.

A esse respeito, Gustavo Lerner comenta a importância da função paterna no que concerne à articulação da consciência moral da criança:

Ao longo do período de *concern* vai-se articulando a consciência moral na criança, de modo que ela, ao longo desse período, vai-se tornando capaz de suportar e viver a ambivalência das relações. Para que isso ocorra é de supor que tenham que ser impostos limites mais claros em relação às suas investidas agressivas. É nesse ponto que se dá a entrada do pai no papel de interventor na vida da criança, regulando, assim, as atitudes do filho em relação à sua mulher. Pode-se entender então que essa primeira intervenção paterna aja no sentido de proteger a mãe, neste caso, objeto de amor do pai (LERNER, 2011, p. 31).

Em seguida, a criança entrará na fase chamada de Complexo de Édipo. Para chegar nesse estágio do desenvolvimento, Winnicott considera necessário que o indivíduo tenha passado, de maneira satisfatória, pelas fases anteriores, uma vez que alguns elementos anteriores a esta fase implicarão funcionamento psíquico do sujeito. Em síntese, na fase do *Concern*, a criança começa a lidar com a ambivalência das relações amorosas, quando começa a dirigir impulsos agressivos para sua mãe. O autor considera necessária a capacidade de suportar tais sentimentos, uma vez que a fase seguinte

(Complexo de Édipo) envolve relações ainda mais complexas e a necessidade de a criança já estar se relacionando com pessoas totais.

Para este autor, como nos lembra Gustavo Lerner, o Complexo de Édipo é considerado como uma fase do desenvolvimento da criança em sua relação com o ambiente que a circunda rumo a sua independência e a uma tendência inata à integração. Essa proposição o diferencia do pensamento de Freud: uma vez que não existe um ponto central no complexo de Édipo, ele considera essa fase tão importante quanto as anteriores.

Também nessa fase, a função paterna é exercida de forma ainda mais direta que nas anteriores. Trata-se de um tempo onde surge uma rivalidade entre a criança e o genitor do mesmo sexo e o amor pelo genitor do sexo oposto. É necessário, então, que o pai exerça a função de não retaliar a criança para que ela consiga viver esta fase em um ambiente facilitador. É importante que este suporte a agressividade da criança.

Ainda sobre a função paterna e sua importância na constituição da subjetividade infantil, Christopher Bollas, em seu livro *Forças do destino psicanálise e idioma humano*, passa a discutir o pai dentro da cena familiar.

Essa reflexão parte da frase “não preocupe o seu pai”, que muitas vezes escutamos as mães dizendo para seus filhos no momento em que o pai chega do trabalho. Dentro deste cenário, há um pai que passou o dia trabalhando para prover o sustento de sua família e uma mãe, com os filhos do casal, (que estavam vivendo a cena familiar). O autor discute o significado dessa frase e as representações psíquicas que a envolvem.

Partindo da ideia de que esse pai provê o sustento da família e que já teve aborrecimentos no trabalho, ele necessita ser poupado ao chegar em casa. O fato de o pai precisar ser poupado refere-se ao imaginário de que apresentar a ele esses problemas significa enfraquecer essa potência que provém sustento e, assim, com ele enfraquecido, a família estaria ameaçada.

Por isso, é desejável que ocorra uma transição. Essa ideia é comparada pelo autor com o abjeto transicional da teoria Winnicottiana. Neste momento, o

pai deve entrar na cena familiar aos poucos para lidar com os conflitos ali existentes. Seriam esses objetos transicionais: conversas casuais de como passaram o dia, a leitura do jornal, o jantar em família, para que assim ele passasse de assalariado à função paterna para os filhos e também para que ele próprio possa se sentir preparado para uma atividade psíquica diferente da que experimentava até o momento no trabalho.

Diante de tais colocações, o autor discute como esse processo incide na criança que está aguardando o pai chegar do trabalho. Ele anuncia essa transição de assalariado para papai como importante para o desenvolvimento da criança, que entende o lugar de trabalho como local onde ela não está incluída. A transição é, ao mesmo tempo, necessária para manutenção da família em alguma medida. “A volta do pai do outro lugar é impregnada de potencial projetivo, já que para a criança esse outro lugar é, em alguns aspectos, o domínio do próprio inconsciente” (BOLLAS, 1992, p. 206). O local de trabalho do pai torna-se para a criança fonte de projeção, onde a criança armazenará a interpretação que faz daquele local.

Em um determinado momento do dia, o pai volta para casa e, na mente da criança, ocorre uma nova transição. Assim, o autor justifica a importância da frase “não preocupe seu pai” como uma ajuda à criança para fazer a passagem do pai de uma cena para outra e também “ajudar a criança a demarcar ou separar as duas áreas da mente, e a descobrir um uso diferente do tempo que se adapte as necessidades do Self.” (BOLLAS, 1992, p. 207).

O autor também comenta uma questão que aparece em algumas crianças preocupadas com a segurança do pai neste momento de volta para casa. Trata-se de uma dificuldade de estabelecer “um espaço interior que acolha o Self no momento de sua partida para outro lugar” (BOLLAS, 1992, p. 207). Torna-se difícil imaginar esse outro lugar, mesmo que a criança já tenha um ego treinado nesse sentido, uma vez que, em seu nascimento, deixou o útero para habitar o mundo externo.

A figura paterna que sai para trabalhar traz para criança uma vivência do tempo no seguinte sentido: a mãe, quando a criança é pequena, dedica-se a

inúmeros cuidados para com ela, mas, em alguns momentos se afasta. A criança experimenta assim um tempo onde existe a presença e a ausência dessa mãe, mas ainda com uma vivência intemporal. Essa vivência do tempo se modifica com as saídas e chegadas do pai do trabalho, pois o pai não pode ser interrompido nesse local e a espera da criança por ele a chama para sair de sua intemporalidade. O pai, então, entra no desenvolvimento dessa noção para a criança.

É, portanto, necessário que não nos esqueçamos da importância do pai no desenvolvimento emocional da criança.

2.3. Fratria

Para refletir a respeito da fratria, podemos começar por contar a história bíblica de Caim e Abel – irmão caçula –, filhos de Adão e Eva. Abel decidiu ser pastor de ovelhas e Caim, lavrador. Na história bíblica, Abel ofereceu uma ovelha a Jeová, e Caim ofereceu produtos de sua lavoura. Jeová não aceitou as ofertas de Caim, por não se tratar de um animal, e o sacrifício só seria aceito dessa forma. Indignado com isso e com muita inveja do irmão, Caim responsabilizou Abel pelo que havia acontecido e o matou. Tal rivalidade também é ilustrada na trilogia do filme “O Poderoso Chefão” das décadas de 70 e 90 do século passado, onde um dos irmãos mata o outro por causa de traição.

A partir dessa situação, observamos que há uma discussão que percorre séculos: a relação entre a fratria e os muitos aspectos que a circundam. Tais histórias relatadas acima mostram uma ideia diferente da que é despertada ao ouvirmos o termo “fraternidade”, que, no dicionário *Aurélio*, aparece como “parentesco de irmãos, amor ao próximo, harmonia, concórdia”. Dessa forma, para começar a entender o que permeia a relação entre irmãos, alguns

aspectos como essa ambivalência emocional (amor e ódio) precisam ser levados em conta.

Os filhos e, assim, os irmãos nascem por desejo dos pais, possuem equipamento genético similar, formando uma relação através de uma ordem de nascimento. O mais velho perde o lugar de único diante da relação com os pais com a chegada de outro filho. O mais velho, então, terá que se haver com o novo lugar que ocupará, uma vez que perde sua exclusividade diante dos pais.

A esse respeito, Rebeca Goldsmid e Terezinha Féres-Carneiro afirmam, em “A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão”, que “a chegada do irmão é a chegada do estrangeiro, ou seja, aquele que, com sua presença, perturba o equilíbrio constituído. Com ele é introduzida a noção de mudança, a de paridade” (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, *online*).

Esta relação pode ser estabelecida de forma harmoniosa, ou não. Muitas vezes, tais conflitos se relacionam a disputas:

as disputas fraternais são comuns à maioria das famílias, apesar das diferenças de valores, estilo ou filosofia de vida de cada uma delas. Essas disputas, características de todo grupo fraterno, têm um caráter mais lúdico do que agressivo. A finalidade é conquistar e preservar um espaço dentro do grupo, garantir uma individualidade, buscar o atendimento satisfatório de interesses e necessidades e ocasionalmente desfrutar das vantagens do poder. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, *online*).

As mesmas autoras comentam que todos os filhos possuem o desejo de ter o amor dos pais, fato que pode gerar muitas dessas disputas. Mas tal rivalidade pode se dar de forma saudável: ensinando a lidar com limitações, ensinando a dividir ou também promovendo inimigos.

A fratria traz experimentações de “relações de poder, liderança, de conflito, de amor e principalmente de auxílio no controle das pulsões destrutivas, para o bom convívio em sociedade, ou seja, nos grupos. É nas disputas com o irmão que a criança aprende a encarar desafios, lutar pelo seu

espaço, exercer liderança, agir numa situação em que o outro é mais forte, compartilhar, respeitar os sentimentos e desejos do outro, aceitar as diferenças.” (MOLON e SMEHA, 2006, *online*).

Assim, é por meio de tais experimentações na relação com a fratria, como destacadas acima, as cargas afetivas que as envolvem, que as crianças começam a se modelar como sujeitos. São tais modelos que, posteriormente, exercerão influência em suas futuras relações sociais.

2. 4. Considerações sobre família e transmissão psíquica

Após discutirmos sobre a função materna, paterna e a fratria, vejamos, agora, como a dinâmica familiar incide na subjetividade do sujeito.

A esse respeito, em *Romances Familiares*, Freud apresenta contribuições relevantes. Ele afirma que, em uma determinada fase do desenvolvimento da criança, os pais são para o filho figuras únicas com as quais possuem o desejo de igualar-se. Com o passar do tempo, as crianças começam a comparar seus pais com outros adultos, outros pais e se dão conta de que estes pertencem a uma categoria, que não são únicos, e começam então a reavaliar as qualidades incríveis que atribuíam aos mesmos.

Essas reavaliações, por meio das quais as crianças comparam seus pais com outros pais e/ou adultos, advêm, muitas vezes, de alguma atitude tomada pelos pais que a criança sente como negligência ou mesmo o fato de não ter o amor dos mesmos somente para si, tendo que dividir com irmãos. Esse fato as deixa descontentes, levando-as a olhar para os outros pais como “melhores” que os seus. Nesse momento, a criança ainda não compreende totalmente os determinantes sexuais da procriação.

Outro fator que o autor aponta como um contribuinte para esses impulsos são as “rivalidades sexuais”, justificando o fato de que, na maioria das vezes, o menino tende a ter impulsos hostis mais voltados para o pai que para a mãe.

O “romance familiar do neurótico”, para Freud, se dá na fase seguinte ao “afastamento neurótico de seus pais”, quando a criança entende os determinantes das relações sexuais. Ela passa a apresentar devaneios onde, muitas vezes, se imagina em situações eróticas. Nesse momento, o filho passa a “criar” um “romance” referente a seus pais, o que será indiciário sobre como ela enxerga e estabelece relação com esses pais.

No entanto, Freud acrescenta que, ao olhar para os “romances imaginativos” da criança, a crença de que outro pai seria melhor que o seu e o desejo de substituí-lo, nada mais são do que a expressão da saudade que a criança sente da imagem que tinha do pai do passado, como o único e mais forte dos homens em quem confiava e também a mãe a mais amável das mulheres. Ou seja, nesta fase uma há supervalorização de tais figuras que não se sustenta nesta nova fase do desenvolvimento. Por isso, ao olhar para outros homens e atribuir tais características favoráveis, a criança está voltando a manifestar suas fantasias que se originaram nos pais verdadeiros.

Observamos, então, que a família incide sobre os seus membros de forma marcante. Freud já afirmou isso em “Romances Familiares” (1906-1908). Outro autor contemporâneo que vai trazer contribuições importantes sobre alguns aspectos que permeiam o nascimento de um bebê é Gilberto Safra, em *O Gesto na tradição*.

Inicialmente, o autor afirma que, ao nascer, e para constituir o seu Self, a criança precisa de alguém que possa direcionar os seus gestos de forma que eles sejam acolhidos. É dessa forma que ela inaugura a possibilidade de ser com o outro. O ato de direcionar este gesto em uma dada situação para a presença humana dirá da posição daquela criança dentro do contexto familiar em que ela se insere, sobre sua situação originária e qual será, em larga pincelada, o percurso de sua história.

Nesse momento, entendemos que a criança nasce, de alguma forma, afetada pela história de seus ancestrais: “o nascimento do bebê humano ocorre no mundo humano, que é constituído ao longo das gerações, sendo campo de encontro da herança dos ancestrais e o pressentimento do futuro” (FREUD, 1906-1908, p. 827).

A respeito da situação originária na qual se encontra um bebê ao nascer, o autor dirá que esta pode se dar de três maneiras: o bebê poderá encontrar com uma *missão*, como o próprio nome já diz, o bebê nasce com alguma missão, expectativa dentro da família, uma vez que possui este lugar já definido antes mesmo do seu nascimento. Eles não têm chance de criação de um gesto singular: “vivem em um mundo subjetivo dos pais e dos ancestrais” (FREUD, 1906-1908, p. 828).

Outra situação refere-se ao *Enigma*: uma difícil ou impossível formulação. É com esse fantasma que o bebê irá conviver em seu percurso, ou seja, uma vez que um enigma ou segredo não pode ser formulado e destinado, ele trará perturbações para a vida do sujeito.

Muito frequentemente, o enigma, dentro de uma dinâmica familiar, acontece pelo fato de existir algo que não pode ser dito, muitas vezes por se tratar de proibições e tabus ou um evento traumático que marca a família. Uma vez que a referência ao enigma pode trazer tanto sofrimento quanto angústia, opta-se por este evento não existir no discurso familiar. No entanto, ele irá aparecer na história transgeracional, com a vivência de algo enigmático.

Quando algo não pode ser dito, também não pode ser significado pelo sujeito. Trata-se “de um sofrimento sem palavras” (idem, p. 829), onde o indivíduo pressente o não dito, mas não encontra sua apresentação clara no mundo. Apesar do fato não ser dito no discurso consciente dos membros da família, ele é transmitido na história familiar.

Outra situação originária em que pode se encontrar o bebê refere-se ao que o autor chama de *questão*. “Na existência humana os indivíduos compartilham grandes questões referentes à precariedade humana, do imponderável, da solidão essencial, sexualidade, vida e morte” (idem, p. 831).

Frente a essas questões, a sociedade pensa e faz formulações que geram posicionamentos frente a elas.

A forma com que uma família interage com os aspectos relacionados ao destino humano afetará as formas de seus membros lidarem com eles e, por sua vez, essas formas serão também transmitidas pela história. A esse respeito o autor comenta: “pode acontecer, ao longo da história familiar, um acontecimento familiar que leva a perda das possibilidades de determinadas áreas da existência serem postas em questão, tornando-se tabus, caso isso ocorra à geração seguinte terá um enigma” (idem, p. 831-2). Dizendo de outro modo, a família terá um perfil, e a criança portará, de alguma forma, essa questão que a constituiu.

Assim, entendemos que a transmissão da história atinge o sujeito que nasce de diferentes formas e irá dizer muito sobre o seu percurso na vida. Sobre esse aspecto, Gilberto Safra comenta uma visão de Winnicott: “há uma relação entre a origem e o fim que determina a significação da maneira que uma pessoa tem de viver” (*apud* SAFRA, 2002, p. 834).

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE CASO

Neste capítulo, apresento dois casos exemplares de patologias familiares, ambos retirados da literatura, ou seja, casos que nos permitem observar como a dinâmica familiar incide na constituição do sujeito.

Inicialmente, apresento o caso de Kirk Allen, retirado do livro *A hora de cinquenta minutos*, de Robert Lindner. Trata-se de um homem de trinta anos, físico e pesquisador. Kirk chegou até a clínica por queixa do seu local de trabalho, onde diziam que ele apresentava algumas “ideias malucas”, tais como: viver parte do tempo em outro mundo, em outro planeta e, quando questionado a esse respeito, achava tudo muito “normal”. No curso da terapia, alguns aspectos do nascimento e infância de Kirk Allen são revelados, aos quais me deterei para entender como a dinâmica familiar pode incidir sobre a constituição do sujeito.

1º caso:

Seu pai era oficial da marinha, um homem mais velho do que a mãe, já havia sido casado e já era avô. Lembra-se do pai como uma pessoa imponente, mas que, apesar de rígido, era possível à percepção de algo de bondoso.

A mãe era trinta e cinco anos mais jovem do que o pai e sua história se deu da seguinte maneira até o casamento com o pai de Kirk: seu pai era um diplomata nas capitais europeias que foi morto em circunstâncias que tiveram muitas repercussões, o que levou sua mãe a se mudar para Honolulu como forma de fugir dos comentários que estavam surgindo. A mãe de Kirk então se dedicou aos cuidados de sua mãe ,

avó de KIRK, por cinco anos quando conheceu um senhor (pai de Kirk) e se casou.

Kirk nasceu em 1918. Nesta mesma época, a família se mudou para Paris, devido a uma designação que o pai recebera. Um ano se passou e eles se mudaram para uma ilha no Havaí onde o pai foi nomeado comissário. A princípio, a estadia da família neste local iria se restringir por um ano, mas não foi o que aconteceu.

Seu pai vivia ocupado com os deveres de Comodoro e sua mãe com as obras sociais para os nativos. No entanto, ela tinha muita vontade de se mudar da ilha e quando percebeu que isso não aconteceria reverteu-se à apatia, tornou-se melancólica e, durante 10 anos, brigou com o marido para que se mudassem. Afastou-se de todo e qualquer contato social, inclusive dos cuidados para com o filho.

Dessa forma, o garoto cresceu, sob os cuidados de babás e governantas que eram contratadas, uma vez que seu pai também estava sempre ocupado e, portanto, ausente.

Nos primeiros anos de sua vida, Kirk teve uma babá Havaiana, Myna, que veio para a família como ama de leite e serviu-lhe como mãe até que ele completasse 6 anos. Ao se referir a esta babá, sentimentos doces e intensos eram evocados.

Kirk era deixado, integralmente, aos cuidados desta babá e foi com ela que obteve o que sua mãe não pode lhe dar, uma vez que a babá o tratava como filho o que era retribuído por ele. No entanto, seu dialeto não era o inglês e foram os seus hábitos e língua que ela passou para o garoto. Em um determinado momento, um visitante expressou espanto pelo fato de o garoto não se expressar em inglês.

Tal situação fez com que a mãe exigisse da babá uma reeducação do garoto. Este lembra essa fase como penosa, pois envolvia mudanças de modo de se vestir, modos de se expressar, entre outras coisas que foram modificadas em sua rotina. Myna continuava próxima a ele, mas agora preocupada em seguir as recomendações dos pais, fazendo com que o garoto se aproximasse mais da cultura deles. No entanto, em sua escola, convivia com crianças nativas que eram bastante diferentes

dele, inclusive fisicamente. Não havia outras crianças brancas na ilha. Até os 14 anos, nunca vira outra pessoa que se lhe parecesse. Essa circunstância gerava um estranhamento por parte do garoto.

Quando tinha seis anos, a babá faleceu subitamente, deixando um vazio muito grande na vida de Kirk Allen. Dos 6 aos 9 anos, foi cuidado por diferentes mulheres nativas, mas com nenhuma delas construiu nada parecido com o que tinha com Myna.

Depois, passou a ter babás loucas. Uma delas se tratava de uma viúva com patológica paixão pela limpeza, fazendo de Kirk uma vítima de sua patologia, uma vez que era obrigado a excessos de banhos. Ela tinha ainda raiva dos nativos e, por isso, o garoto foi proibido de conversar com os amigos. Tal fato fez com que ele se afastasse ainda mais do convívio com todos, mesmo após a saída desta mulher.

Com 11 anos, uma nova governanta foi contratada, esta era branca e bastante atraente e foi responsável por iniciar a vida sexual do garoto. No entanto, ele se tornou objeto sexual desta mulher e, devido às relações excessivamente frequentes, Kirk apresentava sono e fadiga muscular. Tal mulher era bastante ciumenta e possessiva e, por isso, neste período, o garoto se isolou ainda mais.

Assim, é possível observar alguns aspectos importantes, que são também ressaltados pelo autor. Kirk teve um relacionamento humano bastante significativo com sua primeira babá havaiana, que assumiu a função materna. Após sua morte, outras mulheres foram contratadas, mas elas depositaram, no garoto, suas patologias.

Sempre conviveu em uma ilha, numa relação com os companheiros marcada pela diferença de cor, herança social, entre outras. Por um lado, se sentia inferior e rejeitado, uma vez que sempre se via diante de seus amigos como portador de algum tipo de falha; por outro, conservava um sentido interno de superioridade, tinha tratamento diferenciado como alguém superior. Duas visões contraditórias sobre si e sobre o mundo que o cercava.

Em paralelo a tudo que ia acontecendo em sua vida, ele desenvolveu um prazer muito grande pela leitura. Por meio dela, começou a descobrir o mundo. Tornou-se um grande devorador de livros. Aos 12 anos, Kirk fora avisado por um missionário que sabia do seu prazer pela leitura de uma caixa de livros que havia recebido e convidou o garoto para escolher os livros que quisesse, entre eles romances.

O garoto logo separou alguns para iniciar a leitura e se deparou com uma coincidência: o nome do herói do romance era o mesmo que o seu. Tal fato o deixou mais envolvido com a leitura de uma forma diferente do que acontecera até então, chegando a ler três vezes seguidas o mesmo livro.

Ele encontrou seu nome como personagens da ficção em outros livros e isso o deixava ainda mais interessado nas leituras: “começou a crescer em mim a convicção de que as histórias não apenas eram verídicas até o último pormenor, mas que eram ao meu respeito” (LINDNER, 1972, p.202). Passou a considerar tudo aquilo que lia como sua biografia, reconhecendo tudo o que lia como algo familiar.

Dessa forma, o que lia nos livros ia se tornando sua realidade, era ali que tinha seu ser e todo o resto que vivia na ilha passava a ser desinteressante. Passou também a criar histórias próprias, a tarefa de sua vida resumia-se na escrita da sua biografia do ponto aonde seu biógrafo havia parado.

Quando o garoto tinha 14 anos, seu pai faleceu e sua mãe resolveu deixar a ilha, foi matriculando-o em uma escola preparatória da parte oriental dos Estados Unidos. Lá deixou seu filho, indo visitá-lo poucas vezes. Lá também Kirk se viu isolado, não conseguindo se relacionar com os demais com espontaneidade.

Sempre dedicado aos estudos, com 19 anos, ingressou em uma grande universidade do Leste, começando a se dedicar a uma carreira científica que se seguiu de estudos avançados, bolsa de pesquisa, estudos no exterior até que foi convidado a unir-se ao projeto da Reserva X. (Local onde estava trabalhando ao chegar ao consultório do psicanalista).

Sabe-se, então, que, sempre que tivera um tempo entre os trabalhos acadêmicos ou científicos, empenhava-se em sua vida mental imaginativa: tentava recordar tudo o que os autores escreviam sobre personagens que tinham o mesmo nome que o dele e acreditava que esse livro, do qual estava recordando, era escrito no futuro e enviado para ele no presente de alguma forma. A fala de Kirk Allen ilustra tal fato:

num momento eu era apenas um cientista na Reserva X, curvado sobre uma prancha de desenho num alojamento de madeira em meio a um deserto americano; no momento seguinte, era Kirk Allen, Senhor de um planeta num império interplanetário, num universo longínquo, vestido com os trajes do meu elevado ofício, levantando-me da mesa esculpida em que estivera sentado [...] Isto passou-se em questão de minutos e lá estava eu de novo à prancha de desenho [...] Mas, sabia que a experiência fora real (LINDNER, 1972 p. 207).

Em um determinado momento de sua fala, na análise, ele diz: “a vida dele (o Kirk Allen do futuro) é tão excitante comparada com a minha...” (idem, p. 208). O material dessa vida imaginária, composto por Kirk, contabilizava, aproximadamente, 12.000 páginas datilografadas, sua biografia, um glossário, 82 mapas, 23 mapas de corpos planetários, 31 mapas de massas terrestres, tábuas genealógicas entre outros.

Partido desse relato, é possível constatar, inicialmente, que a mãe de Kirk não teve leite para amamentar seu filho, e Myna, a babá polinésia, fora responsável pela tarefa. Em seguida, quando Kirk ainda era bem pequeno, sua mãe, frustrada com as condições de sua vida, isolou-se e se voltou à apatia, deixando de exercer os cuidados maternos, que passaram a ficar sob a responsabilidade da babá. A mãe, portanto, o sacrificou em nome de sua liberdade de poder isolar-se.

Pelo relato detalhado sobre sua relação com esta primeira babá e as observações do psicanalista sobre caso, observamos que eles estabeleceram um vínculo, onde a babá passou a exercer função materna para este garoto, tal como apontamos no capítulo anterior.

Como afirma Winnicott (1978) acerca da preocupação materna primária, podemos concluir que Myna se identificou com esse bebê, podendo exercer essa função, tornando possível a presença de um ambiente suficientemente bom para que ele pudesse se desenvolver, oferecendo acolhimento e tendo suas necessidades emocionais e biológicas gratificadas. Dessa forma, ganha sentido a hipótese de que a porção psíquica saudável de Kirk se deve a esses cuidados que recebeu da babá.

Em virtude da ausência paterna e materna, a babá o cuidou e educou como se fosse seu filho, com seus costumes e cultura polinésios. A partir do momento em que a mãe exige uma quebra nesse vínculo, que vem seguida da morte da babá, inicia-se uma fase de maior isolamento e dificuldade de contato de Kirk com o universo que o circundava.

Um agravante refere-se a este universo: Kirk sentia uma falta de enraizamento, via-se como diferente de todos os outros habitantes da ilha. Ele era branco, enquanto todos eram negros e ainda recebia um tratamento diferenciado por ser filho do Comodoro. Tais fatos teriam sido minimizados com a presença de uma boa estrutura familiar, mas esta não funcionava como refúgio. Faltava *holding*, sustentação advinda da família. Seu pai, o Comodoro, era uma figura ausente nas fantasias e nos pensamentos de Kirk.

Seguida a morte de sua babá, outras pessoas foram contratadas para os cuidados com o garoto. Kirk ficou à mercê de tais pessoas que despejavam sobre ele suas patologias. Em relação à babá, que iniciou sua vida sexual, sendo a primeira e única mulher com quem manteve esse tipo de relação, podemos dizer que ela era um tabu, assim como as mulheres brancas em geral, uma vez que eram iguais a ele em cor e origem. Relações sexuais com esta mulher foram gerando para ele sentimentos de culpa, assim como coloca o autor, consequência de temores incestuosos inconscientes.

Tais fatos contribuíram ainda mais para o seu isolamento e, conseqüentemente, para o mergulho em sua fantasia. Frustrado em suas aspirações afetivas e isolado, ele voltou-se ao seu interior, apaixonou-se pela leitura que lhe possibilitou uma fuga da realidade. Criou, portanto, um mundo à

parte, onde suas necessidades eram satisfeitas, já que sua realidade estava ficando insuportável. Dessa maneira, observamos que sua fantasia era nutrida pelo isolamento que vivera desde pequeno, sendo a imaginação o sustentáculo da sua vida.

2º caso:

Apresento agora um segundo caso clínico que, assim como o anterior, deixa evidente a influência da dinâmica familiar e a forma como são exercidas as funções maternas e paternas sobre a constituição do sujeito. Este relato também foi retirado da obra *A Hora de cinquenta minutos*.

Trata-se de um homem, Anton, que foi atendido por uma psicanalista na Penitenciária Federal de Lewisburg. Anton era fascista e anti-semita e foi considerado, pela análise do terapeuta, como uma personalidade psicopática com tendências paranóides, agressivas e anti-sociais. Alguns dados de sua história são apresentados a seguir, junto ao relato do terapeuta que o atendeu posteriormente. Interessante ressaltar que Anton procurou atendimento, dizendo estar doente, queixando-se de pesadelos frequentes e escurecimento da vista.

Anton era o filho mais novo de uma família de cinco crianças, sendo o único menino. Seu pai era açougueiro e vendeiro. As lembranças que traz do pai são de um homem pesado e atarracado. Sua mãe era uma pessoa frágil e que estava sempre doente, após o nascimento de Anton passou a ficar grandes períodos de cama.

Traz recordações dos gemidos e lamentações da mãe invadindo a casa. Junto vinham suas ordens numa voz firme que contrastava com seu estado de saúde. Anton diz lembrar-se bem dos beijos molhados e das mãos apressadas e febris percorrendo seu corpo.

Lembra-se da mãe chorar o tempo todo e de seu pai sempre dirigindo a palavra de forma grosseira, sempre gritando e dando murro e pontapé.

Diz odiar o pai, ter vontade de mata-lo com grande frequência e sobre a mãe diz sentir enjoo de suas lamentações.

Anton comenta também que, em uma fase de sua vida, sua família morou em um bairro de classe média. Apesar de sua casa ter uma boa estrutura, a mãe das outras crianças do bairro proibia os filhos de brincar com Anton e suas irmãs. Isto se dava pelo fato de que o pai de Anton, com frequência, se embriagava e descia a rua “gritando obscenidades”. A forma com que Anton e suas irmãs encontraram para se proteger desse fato foi fingir que a falta de amizade era provocada por eles próprios e, por isso, desenvolveram uma espécie de esnobismo com as demais crianças.

À medida que Anton crescia, passou a criar certa hostilidade para com os pais, pois sempre se via entre a doença da mãe e seu jeito frágil e a raiva do pai. Em meio a tudo isso e com dificuldades em estabelecer contato social naturais, ainda pequeno, criou um amigo imaginário com quem brincava: Fritzzy.

O autor comenta que sua relação com este amigo imaginário era marcada por um esforço de conseguir coisas que lhes eram impossíveis na realidade, como utilizar Fritzzy para ter a quem dominar. Isto se manteve até a entrada de Anton à escola.

No ambiente escolar, durante 8 anos de escola regular, Anton se mostrava como indisciplinado, sendo motivo de queixas dos professores. Rapidamente tornou-se líder entre seus companheiros. Em paralelo a esta indisciplina, Anton tinha uma curiosidade e apetite pelo conhecimento o que o fazia progredir nos estudos.

No entanto, ele apresentava fantasias e devaneios, os quais sempre transbordavam de sentimentos vingativos e de retaliação. As “vítimas” de tais devaneios eram, em geral, seus vizinhos, as crianças, o pai, a mãe e professores. Um dos seus devaneios, após a leitura de um livro, é exposto pelo autor: “imaginava-se um potentado oriental, sentado num elefante, o animal fora treinado pelo seu carrasco e Anton sentado nele vai dirigindo a aniquilação dos pais, dos companheiros e quase todas as pessoas de “seu mundo”, escravos pegavam essas pessoas e ele

ordenava que o elefante pisasse sobre suas cabeças e olhava tudo com satisfação.

Outro aspecto que diz sobre a infância de Anton é o seu horror à cor vermelha. Quando criança, procurava ajudar o pai nos seus negócios (vendas), mas optava por não trabalhar no açougue já que se enjoava de tocar em carne vermelha. Sabendo disso, em um determinado dia, quando resistiu à ordem de trabalhar, o pai forçou o filho a segurar a carne e depois passar a mão sangrenta em seu rosto. Depois disso, Anton desmaiou e nunca mais voltou ao local.

Quando tinha 14 anos, Anton fugiu de casa e arrumou um emprego como servente de pedreiro numa equipe de construção que cruzava o país para prestar seus serviços. Seu comportamento de liderança, já observado na escola, se repetiu neste caso e Anton passou a ser o chefe da equipe e a tomar as decisões por todos.

Em 1931, o grupo se dispersou devido a uma queda na demanda do serviço. Um ano depois, com 20 anos, sua situação era a seguinte: estava desempregado e passando dificuldades financeiras, estava sem amigos e “amargurado”. Como amargurado, considera-se na mesma situação vivenciada na infância: observava a todos e se via em uma situação inferiorizada.

Passou, então, a roubar. Por roubo de automóvel ficou 2 anos preso. Nesta prisão, conheceu um “ministro” e com ele Anton discutia sobre sociedade e o homem. Quando saiu da cadeia, procurou se encontrar com o tal ministro, que já estava solto e se percebeu com uma capacidade de transmitir ódio e missão.

Deu um golpe no ministro e se tornou líder de um grupo que tinha como propósito danificar igrejas, provocar tumultos em comícios políticos, depredar sedes de sindicatos. Depois disso, o FBI o descobriu e ele foi mandado para a penitenciária, local onde estaria na data em que iniciou o atendimento.

Por meio desse relato, podemos observar que Anton era depositário das questões de seus pais, de sua dinâmica familiar. Logo na infância de Anton, fica evidente a presença de intensos sentimentos agressivos e destrutivos, muitos dos quais expressavam sua inadaptação a esta família tão conturbada.

Anton foi criado com a presença da violência paterna constante e forte, enquanto sua mãe, para se proteger de tal violência, refugiou-se na cama, ainda que ele tenha lembranças dela com uma presença um pouco mais forte, dando ordens claras e firmes. Mesmo doente, ela poderia ter sido acolhedora, servindo como apoio para os ataques desferidos pelo pai.

Além de não encontrar apoio na figura materna, Anton se viu privado e se afastou de relações sociais que poderiam ter amenizado este ambiente familiar pouco acolhedor.

Mesmo diante de um ambiente pouco satisfatório, Anton apresentava bons recursos pessoais. Sua capacidade de liderança e sua inteligência fizeram dele um líder de grupos desde a infância. Esses atributos também o levaram à chefia de um grupo deliquencial, voltado para depredações. Observamos que os atos realizados por este grupo iam de encontro aos seus impulsos agressivos, presente desde a infância. Dessa maneira, tornou-se fascista.

Conforme foi crescendo, percebeu que tinha recursos e capacidade de liderança. Em paralelo a tudo isso, havia uma destrutividade originada em sua relação com o pai. Ao se encontrar com o fascismo, de alguma forma, unia seus recursos a seus impulsos agressivos que agora estavam direcionados a grandes grupos e entidades.

Podemos dizer, então, que, a partir do momento que se torna fascista, Anton não foge ao exemplo paterno, cometendo atos destrutivos e se identificando com os atos agressivos do pai. Importante ressaltar que era por meio desses atos que o pai se tornava e se sentia poderoso. O mesmo movimento parece se repetir no caso de Anton – é por meio dessa forma de estar no mundo, fascismo, que se torna poderoso e dá voz aos seus conflitos familiares mal elaborados.

Ao pensarmos no regime fascista, seu apelo é a imposição de ideais em contraste com os existentes, uma ordem e disciplina que diverge da atual. Podemos observar que, interiormente, Anton considerava insatisfatória a sua realidade, fato que o fazia gerar repulsa a vida. Com o fascismo, encontrou uma forma de estar no mundo que liberava a agressividade e atacava as pessoas e o mundo, há tempos odiado.

Em *O gesto na Tradição*, Gilberto Safra discorre a respeito dos psicodinamismos que ocorrem em um comportamento anti-social. “Algumas pessoas, que foram atravessadas por uma situação enigmática, e invadidas por lucidez medonha, têm como única possibilidade de existência o desenvolvimento de um posicionamento de niilismo absoluto frente à vida; seu anseio mais fundamental é destruir tudo aquilo lhe parece hipócrita no campo social” (SAFRA, 2002, p. 830).

Diante da citação, podemos entender o comportamento destrutivo observado em Anton como relacionado a uma família e a uma sociedade que lhe foram pouco acolhedoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, refleti sobre o lugar da família na produção e transmissão de subjetividade. Investiguei, portanto, como alguns processos psicopatológicos podem ser originados, primordialmente, por esta instância.

De início, observei quão complexa se coloca a questão da configuração familiar. Listei várias definições e normatizações de família e apontei as relações entre a sua configuração e as constantes mudanças que ocorrem na sociedade. Em outras palavras, sobre a família recaem muitas das questões vividas amplamente no mundo contemporâneo e estas trarão consequências para o modo de organização e interação entre os seus membros. Assim se explica, portanto, o fato de possuímos estruturas familiares bastante diversificadas, marcadas pelas mudanças sobre o papel da mulher, a dissociação do coito da função reprodutora, a despatologização do homossexualismo, entre outros fatores.

Partindo dessas premissas, entendo que, no trabalho com famílias, não podemos atribuir *a priori* uma normatização sobre qual seria a estrutura causadora de problemas emocionais. Em lugar disso, torna-se importante observar que as qualidades das inter-relações assumem um aspecto importante neste sentido. Ou seja, cada família possui uma forma singular de organização, cabendo aos estudiosos desse campo levar em conta essa singularização e refletir sobre preconceituosas ideias de família ideal.

Neste estudo, propus uma reflexão sobre a família com uma abordagem que considera o estudo das gerações e transmissões que ocorrem de pais para filhos e as relações entre formas de exercício das funções maternas e paternas e a produção de processos psicopatológicos.

Importante ressaltar que não se trata de uma culpabilização dos pais diante de uma questão do filho, mas de realçar alguns dos aspectos que

envolvem a função materna e paterna, essenciais para o desenvolvimento saudável da criança.

Desde Freud que essa forma de olhar para a família foi se moldando. O marco dessa nova abordagem foi a crescente descoberta de que os primeiros anos de vida da criança e sua relação ainda primitiva com sua mãe são de extrema importância para o desenvolvimento saudável, ou não, do sujeito.

Desse modo, entendemos que as funções maternas e paternas são imprescindíveis para estruturação do psiquismo da criança. Winnicott (1999,1956,1957) comenta que os desejos dos pais projetados sobre seus filhos, antes mesmo do nascimento, já se tornam um ingrediente no desenvolvimento da criança. Safra (2002) traz novas contribuições a essa proposição, afirmando que, antes mesmo de a criança nascer, podem existir expectativas diversas e segredos familiares que não serão revelados, e estes diferentes aspectos se apresentam como componentes que testemunharão, futuramente, os conflitos daquela criança.

Assim como as expectativas e o contexto em que nascerá uma criança são importantes para o seu desenvolvimento saudável, a função materna, após o seu nascimento, possui aspectos importantes. A intervenção materna ocorre desde o nascimento. Ao nascer, o bebê se depara com situações e sensações que nunca havia experimentado. Por isso, necessita de alguém para suprir suas demandas e para reduzir as irritações advindas de sensações do seu corpo e do mundo externo.

O “fazer” da mãe entrará nesse processo, proporcionando um “ambiente suficientemente bom” para o bebê, buscando satisfazê-lo prontamente para que ele alcance cada estágio. A respeito dessa fase, Winnicott (1978) dirá que, no estado chamado “preocupação materna primária”, a mãe identifica-se com seu filho e passa a se ocupar somente do seu corpo e de seu bebê. Tal estado, segundo o autor, ocorre espontaneamente em grande parte das mães. No entanto, existem mulheres que não conseguem abrir mão de outros interesses, o que dificultaria essa fase. Mas, isso não impede que sejam boas mães em outros diferentes aspectos.

Neste momento, a função paterna estaria voltada para manutenção e proteção da díade mãe-bebê. Em um segundo momento, na fase de dependência relativa, deverá ocorrer uma flexibilização do vínculo existente entre a mãe e seu filho – os horários para as mamadas começam a ser estipulados e o pai ganha um papel muito importante, chamando a mulher para fora dessa díade.

Ao chegar à fase de *Concern*, a criança passa a se relacionar com o pai como pessoa total. Nesta fase, a criança também percebe a ambivalência de sentimentos como amor e ódio pelo mesmo objeto. A não retaliação da criança, nesse momento, lhe proporcionará o desenvolvimento de diferentes habilidades e o alcance da fase do Complexo de Édipo. Essa experiência internalizada possibilitará a moralidade e recepção ao externo.

Diante de tais reflexões, analisei dois casos retirados da literatura, onde pudemos observar, de forma um pouco mais clara, o que propus a respeito dos processos psicopatológicos ligados primordialmente à dinâmica familiar e aos aspectos referidos a respeito das funções maternas e paternas.

No caso de Kirk Allen, nota-se que a mãe, dominada por suas questões, deixou de exercer o que lhe cabia em relação à sua função de mãe. O desenvolvimento deste bebê deve-se ao fato de que a sua primeira babá conseguiu exercer a função materna. Apesar de não ser a mãe biológica da criança, ela pôde identificar-se com esse bebê, estabelecer um vínculo e criar um ambiente suficientemente bom, em benefício do seu desenvolvimento, ou seja, a porção psíquica saudável de Kirk deve-se a esses cuidados. Observa-se, então, a importância dedicada à função materna, tal como descrevemos.

Kirk vivia em um local onde não tinha enraizamento. Tal fato poderia ser amenizado por intermédio de uma família que funcionasse como refugio, que desse uma sustentação a este garoto, o que não ocorria com as figuras paterna e materna “desaparecidas”. Diante de uma realidade insuportável, frustrado em suas aspirações afetivas, houve uma fuga para a fantasia, que atendia as suas necessidades. Neste caso, observamos a incidência de uma

dinâmica familiar não afetiva e pouco presente sobre o desenvolvimento de uma criança.

No caso de Anton, houve uma formação de personalidade psicopática, originada de uma relação familiar e marcada pela agressividade entre os membros. Anton era depositário das questões de seus pais, e fica evidente como essas questões são transmitidas para o filho que passará a ter intensos sentimentos agressivos e destrutivos. Sua relação com seu pai era marcada pela violência; sua mãe, diante disso, não funcionava como uma figura acolhedora uma vez que se refugiou em uma cama.

Anton vivenciou um movimento, iniciado na adolescência e com uma continuação na vida adulta, que o transformou em líder de um grupo fascista. Podemos dizer que, com esse movimento, de alguma forma, não foge ao exemplo paterno – atos destrutivos identificados com o comportamento agressivos do pai. A forma com que sua personalidade se estruturou fala de seus conflitos familiares mal elaborados.

Para concluir, destaco a importância de trabalhar com a saúde da família, lembrando que é a família o primeiro ambiente com o qual o ser humano irá se defrontar e é desse ambiente que ele obterá recursos para investir nas relações que, futuramente, serão estabelecidas com o mundo e desenvolver, por exemplo, independência e autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, Bianca Alfano. Homoparentalidades: gênero e reprodução na contemporaneidade. Disponível em http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_199.pdf.

BELTRÃO, Pedro Calderan Beltrão. *Sociologia da família Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1970.

BIRMAN, Joel. *Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOLLAS, Christopher. Não preocupe Seu pai. In: *Forças do destino: - psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de et. al. *A Família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez/Educ 1995.

FREUD, S. Romances familiares. In: *Gradiva de Jensen e outros trabalhos* (1906/ 1908). Rio de Janeiro: Imago, vol 9.IX .

GOLDSMID, Rebeca e FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A função fraterna e as viscissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia Rev.* Belo Horizonte: 2007. v.13 n.2.

LERNER, Gustavo. *Apontamentos sobre a função paterna na teoria de Donald Winnicott*. São Paulo, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Formação em Psicologia na PUC-SP

LINDNER Robert. *O gesto na tradição*. vol 36. São Paulo, IMAGO 2002.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

MOLON, Karina Silva e SMEHA, Luciane Najar. Grupo com irmãos de pessoas com necessidades especiais. *Centro de educação* Santa Maria, RS, n. 28, 2006. edição 2006 n°28

OSÓRIO, Luiz Carlos e VALLE, Maria Elizabeth do. *Terapia de Famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFRA, Gilberto. O gesto na tradição. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 36, 2002.

WINNICOTT, D. *A criança no grupo familiar* [1966]: tudo começa em casa. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Da pediatria à Psicanálise. In: *Preocupação materna primária*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê [1965] In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Tudo começa em casa*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A criança e o seu mundo* [1957]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.